

O desdobramento da educação durante a Pandemia do Covid-19

Maiara Almeida Amaral
João Padilha Moreira

Resumo

O presente artigo tem por objetivo, o estudo e a explanação quanto ao desenvolvimento da educação, no atual cenário nacional de escolas públicas e particulares, sendo este resultado de uma pandemia de Covid-19. Alunos e professores buscam mesmo depois de mais de dois anos de pandemia, se adaptarem a nova realidade instaurada, devido a necessidade de retomar o tempo perdido quanto ao aprendizado, sendo que a sociedade precisou ficar em isolamento durante mais de um ano deste processo. Alunos de todas as idades buscam o seu lugar neste novo modo de viver, bem como a maneira de se adaptar, aos novos métodos de relacionamentos com o cotidiano social.

Palavra-chave: Covid-19. Aprendizado. Tempo perdido.

Abstract

This article aims to study and explain the development of education, in the current national scenario of public and private schools, this being the result of a Covid-19 pandemic. Students and teachers seek, even after more than two years of the pandemic, to adapt to the new reality established, due to the need to recover lost time in learning, and society had to be in isolation for more than a year of this process. Students of all ages are looking for their place in this new way of living, as well as a way of adapting to new methods of relating to everyday life.

Keywords: Covid-19. Learning. Lost time.

Introdução

Falar em “Novo modo de Vida”, chega a ser cômico. Sabemos que uma sociedade se desenvolve conforme seus sentidos comuns e costumes adotados e passados de geração em geração.

Quando na Grécia antiga, os gregos buscavam a melhor maneira de conviver em grupo sem hostilidade e compartilhando de ideias e costumes, deixaram para nós ocidentais os modelos de comportamento em sociedade, que vivemos até hoje, claro de forma adaptada. A Pólis modelo grego de sociedade nos deixou como herança não só seus legados políticos, como a democracia, mas também nos deixou a ideia das negociações comerciais, moeda, calendário, enfim, o que usamos para nos orientar, diariamente.

A pandemia trouxe ao contexto docente, ao meio acadêmico, um cenário que por muitos não era sequer cogitado.

A tecnologia presente e atuante em sala de aula, quase como um papel principal, era algo temido por pais e mestres antes da pandemia, porém isso já era real, a evolução tecnológica foi gradativa de acordo com o desenvolvimento intelectual e cognitivo das novas gerações.

É esta questão que lhe convido a refletir neste ensaio. A educação é a base para a formação de qualquer nação, e como está a nossa consciência quanto a esta questão, a educação, a formação de um Ser, como indivíduo em uma sociedade? Não é responsabilidade, só do professor, mas sim de todo um conjunto social. A evolução tecnológica tida por muitos, como distração, dentre outras definições, hoje teve de ser aceita, por imposição da evolução como um dia as caldeiras perderam lugar para a energia elétrica. “Não podemos aplicar a mesma formação contínua oferecida às pessoas que hoje têm 30, 40 anos aos jovens de 20 anos, que têm outra forma de estar no mundo. Se isso não é compreendido, não há êxito no impacto do ensino ofertado” (Yañez, 2016).

Gerações diferentes, diferentes maneiras de aprendizado.

Para melhor compreensão comportamental, as pessoas passaram a ser, definidas e catalogadas, de acordo com suas respostas e comportamentos frente a determinados estímulos e situações.

Este cenário recebe a intitulação de geração “X, Y, Z dentre outras”. A primeira vez que se ouviu falar em Geração X, foi com o fotógrafo Robert Capa, em um de seus ensaios fotográficos, pós Segunda Guerra Mundial (1934 – 1945), e nesta circunstância, o fotógrafo

queria retratar como se portavam aqueles jovens, sobreviventes de um pós guerra, com perspectivas de um futuro hostil. E dessa forma esta expressão, passou a ser adotada por muitos outros profissionais de diferentes áreas, que queriam se referir a um determinado grupo de pessoas. Acompanhando esta linha de raciocínio com o passar do tempo, novos estudos e análises comportamentais foram desenvolvidas, e novas “gerações” foram identificadas e codificadas.

Acompanhemos a tabela para melhor compreensão

Características entre as gerações.

	Geração X	Geração Y	Geração Z
Data de nascimento	Entre 1961 e 1978	Entre 1979 e 1994	A partir de 1995
Características	São práticas, empreendedoras e independentes. Respeitam autoridades e hierarquias. Preferem ler livros.	São questionadores, multitarefas (fazem várias coisas ao mesmo tempo), imediatistas. Buscam prazer no trabalho. Preferem meios eletrônicos.	Ligados em socialização também por meios eletrônicos, preocupados com beleza. Aprendem muito rápido, porém têm dificuldade de concentração.
Palavras-chave	Coletividade, cultura, popularização	Tecnologia, velocidade, individualismo, urgência	Vaidade, dispersão, flexibilidade

Fonte: <https://br.pinterest.com/pin/604186106241859295/>

Seguindo esta análise, pode-se compreender como as pessoas se comportam, como aprendem e suas perspectivas de vida.

A geração Z – que também passou a receber outras derivações com o passar dos anos, são as gerações mais novas e por tanto, já trazem em seu DNA um processo muito mais ágil de compreensão e assimilação dos fatos, principalmente aquelas nascidas nos últimos dez anos. A tecnologia, são suas companheiras.

Esse processo evolutivo das gerações é muito interessante de se observar, porém, o que não estava se observando, era como essas crianças e jovens estavam se desenvolvendo.

Estava se tornando corriqueiro, os alunos fotografarem as lousas para não precisar copiar no caderno, assim como querer realizar as pesquisas em seus navegadores, do que nos livros. Para estes jovens o tempo é caro e ficar desenvolvendo determinadas atividades repetitivas não fazem sentido, se estas não tiverem um motivo bem explicado e logicamente coerente.

O que não fazia parte deste contexto era a aceitação dos professores.

Que em grande maioria, não passavam por formações continuadas, e muitas vezes não tinham intimidade com a tecnologia.

O novo cenário, epidemiológico, colocou todo o mundo em quarentena, e fez com que professores, alunos e instituições precisassem reaprender a fazer o que já era corriqueiro.

Aprender a dar aula com o auxílio da informática, aprender a “ensinar” novamente, com a ferramenta que tanto era temida, passou a ter novo significado. O do “compromisso”, e aprender com antigas instituições que já atuavam no ensino à distância, a como ensinar nesta modalidade, com respeito e altruísmo.

Não que a Secretaria de Educação à Distância estivesse fazendo premonição, mas em 1996, esta pasta organizava e executava um curso em que o professor estaria apto para dar aula, através de uma câmera. E se portar perante uma câmera, não é algo fácil para muitos. “Quando alguém diz que a educação é afirmação da liberdade e toma as palavras a sério – isto é quando as toma por sua significação real – se obriga, neste momento, a reconhecer o fato da opressão, do mesmo modo que a luta pela libertação” (Freire, 1997).

E esses eram os primeiros passos dentro do Brasil, para uma formação continuada, dentro da docência para preparar este profissional para o que viria, e que hoje presenciamos, e que antes da pandemia, era visto com discriminação.

Ferramentas para tais desafios, sempre estiveram à disposição, porém não havia interesse em explorá-las. E aí que as investigações foram ganhando maior notabilidade, e as ferramentas aplicabilidade, como Google Meet, Classroom, entre tantos outros.

Fator de ajuste

O que não se contava era com um inimigo de grande expressão à todo esse desenvolvimento.

A desigualdade. Ela sempre esteve presente em nosso cenário econômico brasileiro. Porém durante a pandemia foi impactante o quanto sofremos com a diferença entre as classes sócias, e isto foi identificado, e é pauta em mesas de conversas coloquiais mas também políticas e acadêmicas, porém ainda é um tema apenas para retóricas, pois medidas verdadeiras quase não existem, e as que existem recebem pouco apoio. Há certo comodismo e aceitação da sociedade, quanto a educação direcionada de acordo com o poder aquisitivo, como se isso fosse o “normal”. Por senso comum, a sociedade aprendeu que a educação era algo elitizado, pois no Brasil imperial, só podiam estudar aqueles que eram filhos de famílias com posses e sobrenomes. Esse conceito foi vencido quando em 1961 promulgou-se a LDB tornando obrigatório o ensino para todas as crianças. E isto foi vencido, porém não abolido.

Países em acentuado desenvolvimento e países de primeiro mundo reconhecem a

importância da educação, e por reconhecer investem e desta forma ocupam as melhores posições nos rankis mundiais, quando o assunto é desenvolvimento e educação.

E os dados para o Brasil são alarmantes.

Segundo o IBGE em um levantamento de dados em dezembro de 2021, apenas 48,6% de estudantes do Brasil da rede pública de ensino, entre 15 e 17 anos, possuem computador e internet em casa. Conforme site Poder 360, autor da mesma publicação. “Complementarmente, o INEP levantou que a média de dias sem aulas presenciais em todos os níveis da educação básica em 2020 atingiu 287,5 dias na rede pública de ensino e 247,7 na rede privada”.

O mesmo estudo indica que quanto à saneamento básico, em 2019 apenas 56,2% das escolas públicas possuíam pia, ou lavatório em condições de uso e acesso a sabão, enquanto nas redes particulares este número é de 98,3%. Bem sabemos que a estrutura mínima para uma educação de qualidade requer infraestrutura adequada para tal finalidade.

Outro estudo desenvolvido, pela instituição Lyceum, em seu Blog, apresenta os dados quanto ao último Ranki mundial de educação, que avalia, ensino e aprendizado de leitura, matemática e ciências o Pisa (Programa Internacional de Avaliação de Estudantes). Este estudo nos coloca em um cenário de 79 países, no qual ocupamos posições como 60º e 74º lugar.

Essa verificação de dados demonstra que não são apenas os estudantes de ensino básico e médio que se prejudicam. Mas sim toda uma sociedade.

A desigualdade também assola um dos principais papéis neste cenário, o Professor, que não ocupa, apenas uma posição, mas sim duas, pois além de Professor, primeiramente ele é aluno.

Em 2006, o livro *Desafios da Educação a Distância na Formação de Professores*, trazia um estudo demonstrando que haviam profissionais dentro das escolas, desde as séries iniciais, até o ensino médio exercendo a função da docência sem formação adequada para tal finalidade, ou ainda em formação não concluída, e esta realidade ocorre em todo o país, porém em proporções diferentes de acordo com a região.

Em 2020 a Resolução CNE/CP Nº1 que dispõe sobre as Diretrizes Curriculares Nacionais para a formação continuada, define que os profissionais docentes têm por obrigação, a formação específica na área de atuação. Com esta obrigação, esta mesma lei, garante ao indivíduo, o direito a formação continuada de forma pública em suas instituições federais, estaduais e municipais. <https://portal.in.gov.br/web/dou/-/resolucao-cne/cp-n-1-de-27-de-outubro-de-2020-285609724>

Com salários defasados e a falta de incentivo pelas administrações públicas, professores das redes estaduais e municipais não se sentem motivados a manter uma formação continuada, abrindo brecha para uma atuação docente de baixo resultado. Com professores desatualizados, desanimados e por vezes depressivos, as aulas são pouco produtivas. E este fator não pode nem deve ser ignorado, a Covid-19, veio nos trazer muitas reflexões sobre hábitos e realidades diárias inaceitáveis, mas que de maneira incrível, parecia normal.

O blog Lyceum, aponta uma outra reflexão

Como exemplo, podemos citar a sala de aula invertida. A ideia é que o estudante absorva o conteúdo por meio do formato digital, isto é, quando chegar à sala presencial, ele já estará ciente do assunto que será desenvolvido. Eficiente e inovador, esse conceito proporciona processos, estruturas e ambientes mais adequados e atrativos à realidade do aluno.

Pensar como podemos nos aprimorar e como podemos melhorar a realidade que vivemos, não deve ficar somente no campo do pensamento, mas também ser trabalhado para uma mudança de nosso cotidiano, de nossas estruturas. “De modo que se os homens filosofaram para se libertarem da ignorância, é evidente que buscavam o conhecimento unicamente em vista do saber e não por alguma utilidade prática” (Aristóteles, Metafísica, Livro Alpha, 19-21).

Existe um projeto de Lei, número 7552/2014, que ainda tramita na câmara de deputados, com a proposta de abrir para estudantes de licenciaturas a possibilidade de uma experiência em forma de residência pedagógica, para que este futuro professor, tenha experiência de prática e vivência assim como os médicos, mas que este não seja de exigência para a formação de tal profissional. Segundo o criador deste projeto, a ideia, seria proporcionar ao estudante, a vivência necessária, para que este saiba como agir em prática, e aprender com os professores em sala de aula, ao invés de ter a formação só de forma teórica.

É algo inovador, e ainda cabem muitas discussões quanto ao tema, mas penso ser algo com relevância.

Conclusão

O tema aqui proposto, é amplo e requer embasamento, experiência na área e acima de tudo, quebra de paradigmas para que possamos aceitar uma nova condição comportamental, derrubando inclusive, nossas barreiras e crenças, adquiridas através de nossas experiências, e crenças comuns, a pandemia de Covid-19, trouxe em primeiro lugar a proposta de olhar o outro e a capacidade de cada um, em estender a mão e ser empático. Acredito que com isso todo o restante se resumiria.

Muitos estudos ainda são necessários quanto a formação continuada e a utilização da tecnologia para devidos fins, e particularmente penso e espero, que sempre sejam, pois o homem tem por sua eudaimonia a capacidade de se aprimorar. “Então, se é assim em todos os casos, a excelência, a virtude do homem só poderia ser uma disposição pela qual um homem torna-se bom e pela qual também sua própria obra se tornará boa...”(Aristóteles, 2016.).

Referências

ARAÚJO, Felipe, 2022. - Disponível em : <https://www.infoescola.com/sociedade/geracao-x>. Acesso em: 22/05/2022.

ARISTÓTELES, Ética a Nicômaco, tradução e notas Luciano Ferreira de Souza – São Paulo: Martin Claret, 2016.

CARDOSO, Lorena, 2022 - <https://www.poder360.com.br/brasil/55-dos-alunos-nao-tinham-acesso-a-internet-em-aulas-remotas-diz-ibge/#:~:text=Com%20as%20aulas%20acontecendo%20remotamente,casa%20durante%20as%20aulas%20remotas>. Acesso em: 22/05/2022.

CASTRO, Maria H. G. De. – 2020. Disponível em: Disponível em: <https://portal.in.gov.br/web/dou/-/resolucao-cne/cp-n-1-de-27-de-outubro-de-2020-285609724>. Acesso em: 22/05/2022.

Desafios da Educação a Distância na Formação de Professores; Brasília: Secretaria de Educação a Distância 2006. 237p.

EZENBWABASILI, Mariana, 2022. - Disponível em: <https://revistaeducacao.com.br/2016/12/01/como-diferentes-geracoes-aprendem> Acesso em: 22/05/2022.

Freire, Paulo, 1921-1997 – Educação como prática da liberdade - Rio Janeiro - Paz e Terra - disponível em https://www.google.com.br/books/edition/Educa%C3%A7%C3%A3o_como_pr%C3%A1tica_da_liberdade/WDTTAgAAQBAJ?hl=pt-BR&gbpv=1&printsec=frontcover – acessado em 27/05/2022.

LYCEUM. 2022. Disponível em: <https://blog.lyceum.com.br/ranking-de-educacao-mundial-posicao-do-brasil/>. Acesso em: 22/05/2022.

TREVISOL, Maria Teresa et al... Diálogo sobre formação docente e práticas de ensino, Campinas SP; Mercado de Letras, 2018.